

LUANDA: REPRESENTAÇÃO E TURISMO LITERÁRIO

LUANDA: REPRESENTATION AND LITERARY TURISM

Juliana Santos Menezes^A

^A Instituto Federal da Bahia / Universidade Nova de Lisboa (IFBA/UNL), Ilhéus / Lisboa, BA / LX, Brasil / Portugal

Recebido em: 04/02/2025 | 09/08/2025 DOI: 10.12957/tamoios.2025.89569

Correspondência para: Juliana Santos Menezes (juliana@ifba.edu.br)

Resumo

A literatura pode representar a cidade ao recriar seu espaço físico, funcionando como um mapeamento imaginário (TALLY JR, 2013). Esses espaços, vistos sob uma perspectiva antropológica (AUGÉ, 2013), tornam-se cenários de conflitos individuais e contribuem para a construção da identidade nas obras. Assim, a cidade nos textos ficcionais permite reflexões sobre história, cultura e cidadania. À luz dessa perspectiva, este estudo analisa a representação literária de Luanda no conto “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos”, do livro *Luuanda* (1963), de José Luandino Vieira, e na obra *Os da minha rua* (2007), de Ondjaki. Esses textos retratam a capital angolana em diferentes períodos históricos, conectando os dramas dos personagens à identidade angolana. O trabalho também discute como essas obras podem inspirar roteiros turístico-literários, destacando lugares que serviram de cenário para a ficção. Dessa maneira, a literatura contribui para a valorização cultural e o desenvolvimento do turismo literário, ao conectar o espaço urbano à memória coletiva e à experiência dos habitantes, proporcionando uma leitura da cidade por meio da ficção.

Palavras-chave: Luanda; representação literária; turismo literário.

Abstract

Literature can represent the city by recreating its physical space, functioning as an imaginary mapping (TALLY JR 2013). These spaces, viewed from an anthropological perspective (AUGÉ, 2013), become settings for individual conflicts and contribute to the construction of identity in the works. Thus, the city in fictional texts allows for reflections on history, culture, and citizenship. In light of this perspective, this study analyzes the literary representation of Luanda in the short story “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos,” from the book *Luuanda* (1963), by José Luandino Vieira, and in the work *Os da minha rua* (2007), by Ondjaki. These texts portray the Angolan capital in different historical periods, linking the characters’ dramas to Angolan identity. The study also discusses how these works can inspire literary-tourism routes, highlighting places that served as settings for the fiction. In this way, literature contributes to cultural valorization and the development of literary tourism, connecting urban space to collective memory and the experience of its inhabitants, offering a reading of the city through fiction.

Keywords: Luanda; literary representation; literary tourism.

INTRODUÇÃO

A cidade pode ser representada por meio da literatura, que recria o espaço físico e funciona como uma forma de mapeamento ao oferecer descrições de lugares, situando os leitores num espaço imaginário (TALLY JR, 2013). Por seu turno, esses lugares, compreendidos numa perspectiva antropológica (AUGÉ, 2013), atuam como palco dos conflitos individuais dos personagens ao mesmo tempo que oferecem uma série de referências





culturais que ajudam a configurar a identidade representada na obra. É possível, assim, ler o espaço citadino e conhecer a cultura e a história recriadas nos textos ficcionais, podendo proporcionar uma reflexão sobre a história, as experiências cotidianas de seus habitantes e os valores pelos quais se constroem a cidadania cultural e as identidades.

Conforme Porto (2015), qualquer tipo de literatura oferece ao leitor a possibilidade de conhecer o *locus* que fundamenta a sua criação, dada a especificidade da linguagem, a construção peculiar de um tipo humano, a descrição do ambiente ou do tempo narrativo e as temáticas selecionadas. Desse modo, ao eleger uma cidade como ambiência para o desenvolvimento da trama narrativa, o escritor apresenta traços geográficos, culturais e históricos, oferecendo inúmeras possibilidades de temas que podem ser investigados no intuito de compreender a pluralidade da cidade. A literatura angolana, especificamente, desde o início do século XX esteve voltada para a cultura local e a realidade do país¹, fazendo referência a elementos históricos e culturais. Assim, a cidade de Luanda, entendida como metonímia do país, foi recriada e lida em diferentes momentos.

À luz dessa perspectiva, entendendo que qualquer registro da linguagem pode ser compreendido como representação do real e recriar a cidade, este trabalho se propõe a estudar a representação literária da cidade de Luanda no conto “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos” e no livro *Os da minha rua* (2007), de José Luandino Vieira e Ondjaki, respectivamente. Esses autores, pertencentes a diferentes gerações da literatura angolana, oferecem visões distintas sobre a cidade, enriquecendo sua representação no imaginário literário. O estudo ainda discute uma possibilidade de reverberação dessas obras em roteiros turístico-literários, ao sinalizar os lugares que serviram de cenário para o texto literário, possibilitando, assim, a valorização cultural e o desenvolvimento do turismo literário. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica e análise literária alinhadas à teoria da *adaptação*, de Linda Huntcheon (2013).

Os textos em questão apresentam a capital angolana, marcada geograficamente, com referências a bairros e a ruas, relacionando-a com os dramas vivenciados pelos personagens principais, cujas vivências na cidade ao mesmo tempo que ajudam a configurar a identidade pessoal dos mesmos personagens, retratam também a identidade angolana em um certo período histórico, partindo da ideia de que as identidades são múltiplas e dinâmicas (HALL, 2006). Nesse sentido, a cidade desempenha a função de espaço de encontro com o outro e consigo mesmo e é exemplo de como o espaço urbano se configura como uma possibilidade de conhecimento da identidade a partir da sua exploração, tal como afirma Loureiro (1996, p. 377).

O conto e o livro, escritos e publicados em diferentes e marcantes momentos da história de Angola, têm em comum as vivências dos personagens principais que sofrem as consequências advindas de duas situações conflituosas: a Guerra da Independência (1961-1974), no conto, e a Guerra Civil (1975-2002) na coletânea de Ondjaki. Ambas referidas nos textos de maneira indireta, uma vez que o foco não era exatamente os conflitos, mas, o cotidiano dos personagens. Contudo, ao enfatizá-lo, tais conflitos emergem, servindo não apenas como pano de fundo, mas contextualizando as ações dos personagens, promovendo a reflexão, ajudando na construção do sentido da trama narrativa. Os textos em análise, assim, oferecem temas que contextualizam o espaço citadino, os personagens e o momento histórico, contribuindo para a compreensão da cidade de Luanda e da multifacetada



identidade angolana. Apresentam, portanto, formas de ler a cidade a partir das vivências de cada um dos personagens e o espaço ficcional pode ser relacionado com a configuração da trama narrativa, com os modos com que os personagens percebem a cidade e vivem nela, criando assim a sua própria Luanda. Esse pensamento está alinhado com as ideias de Pesavento sobre a relação entre a cidade e seus habitantes, quando afirma que há inúmeras correspondências entre as cidades reais consumidas no dia a dia e as cidades imaginárias, mostrando que o urbano é a maior obra do homem, constantemente reconstruída pelo pensamento e pela ação ao longo dos séculos (PESAVENTO, 2007, p. 11).

NOSSA TERRA DE LUANDA: AS RUAS DE BARRO

“Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos” é o primeiro conto da coletânea *Luuanda*, publicada em 1963 por José Luandino Vieira. Nesse conto, o autor realiza um mapeamento da cidade de Luanda, expondo as injustiças e os preconceitos que permeavam a vida cotidiana do povo do musseque. Além disso, retrata elementos da tradição angolana, como provérbios, hábitos alimentares e formas de interação e celebração, utilizando uma linguagem híbrida que mistura o português com o quimbundo. A obra não só reflete as tensões sociais e culturais da época, mas também preserva e valoriza a riqueza da identidade angolana. Com tal procedimento, Luandino Vieira pode ter antecipado aquilo que fizeram os autores angolanos após a independência do país, tomando para si a tarefa de “re-contar as narrativas tradicionais, como forma de fazer trazer presente o que por tanto tempo o colonialismo tentara abafar, ao mesmo tempo em que ensinavam às novas gerações os caminhos da tradição” (MACÊDO, 2008, p. 60).

No conto em estudo, o autor retrata as condições miseráveis do povo do musseque, apresentando a história do jovem Zeca, nascido no Catete. Como tantos outros jovens angolanos, ele enfrenta diariamente as consequências da colonização e vive uma realidade marcada pela privação. Desde a infância, tudo lhe foi negado: a alegria despreocupada que deveria acompanhar essa fase da vida, a presença do pai – preso por razões políticas –, o alimento para saciar a fome, o emprego, a namorada e até mesmo sua própria cidade. Parte de Luanda, separada pelo asfalto, a Baixa, permanece inacessível para ele e para seu povo, sendo um espaço dos brancos colonizadores. A Baixa é a parte da cidade que só lhe é permitida para procurar trabalho, “emprego de verdade” (VIEIRA, 2014, p. 63), ou procurar os restos de comida do lixo, como fez vovó Xíxi. Isso ilustra a segregação vivida em Luanda que, conforme Macêdo, é compreendida “como uma realidade em que o colonizador e o colonizado são simbolizados pela Baixa (a cidade dos brancos) e o ‘musseque’, a cidade dos negros, uma cidade cortada pela ‘fronteira do asfalto’ (a dividir as duas cidades)” (MACÊDO, 2004, p. 6).

Com o intuito de recriar a Luanda dos colonizados, Luandino apresenta a cartografia da cidade, salientando as cores, os cheiros, os sons, os falares, os tipos humanos e as construções dos musseques. Em “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, o autor apresenta a cidade num dia de chuva forte, o que intensifica tais elementos, contribuindo para construção do cenário precário no qual Zeca Santos vive seus dramas, salientando também as mazelas



sociais pelas quais passavam os outros habitantes do musseque, que viviam em casas construídas com restos de materiais, sem saneamento básico, com o mínimo necessário para sobreviver, como pode ser verificado no trecho a seguir:

O musseque, nessa hora, parecia uma sanzala no meio da lagoa, só a chuva é que era ruas, as cubatas invadidas por essa água vermelha e suja correndo com depressa, caminho das estradas de alcatrão que leva na Baixa ou ficando, teimosa, a fazer cacimbas de nascer mosquitos e barulhos de rãs. Tinha mesmo cubatas tinham caído e as pessoas, para não adiantar morrer, estavam na rua com as imbambas que salvaram. Só que os capins, aqueles que conseguiam espreitar no meio das lagoas, mostravam já as cabeças das folhas verdes lavadas e riam outra cor mais bonita para o céu ainda sem azul nem sol (VIEIRA, 2014, p. 12).

Num dia de chuva, as ruas de barro do musseque transformam-se em rios de lama avermelhada que adentram as construções simples características do lugar, as cubatas. Esses rios de lama seguem o caminho do asfalto que separa o musseque da cidade dos colonizadores brancos. O forte vento que sacode as paredes de pau a pique, despregando a madeira, é outro indício da fragilidade das construções e, conseqüentemente, das más condições de vida dos habitantes do musseque. Os sons da trovoadas, da chuva caindo no zinco, das mães gritando pelos filhos ajudam a dar a configuração inóspita do lugar. Num dia de chuva intensa no musseque, as ruas ficam mais avermelhadas, a atmosfera mais pesada e seus habitantes têm as suas fragilidades mais explícitas: a fome, a tristeza, a vergonha, o desemprego e a discriminação diante da precariedade em que vivem. Desse lugar também emergem a necessidade de viver com dignidade, a consciência da discriminação e o desejo de mudança. Elementos que compõem a identidade num período em que os angolanos lutavam para conseguir a independência do poder português. Momento sutilmente referido no texto quando o autor fala dos jipes das patrulhas, da prisão do pai de Zeca e do marido de nega Tita, amiga de vovó Xíxi.

Luandino Vieira, assim, apresenta a cartografia da cidade daqueles que, paradoxalmente, não tinham direito à sua própria cidade ou tinham direito a apenas uma parte dela. A cidade recriada espelha a segregação, as dores dos personagens e a formação da identidade da nação que foi configurada a partir da luta entre opositos e como forma de impor a sua própria forma de ser. As ruas, os bairros e outros lugares pelos quais os personagens circulam, ao viver os seus conflitos pessoais e coletivos, compõem o mapa da cidade de barro em contraposição à cidade do asfalto, salientando a hibridação cultural e a condição de vulnerabilidade dos personagens, marcada pelas injustiças sociais e pela luta pela sobrevivência.

OS DA MINHA RUA: A CIDADE EM RECONSTRUÇÃO

Anos após a guerra da independência, o escritor angolano Ondjaki recria a cidade de Luanda, num novo contexto conflituoso: a Guerra Civil. O escritor nasceu dois anos após o início deste conflito e a Luanda de suas narrativas é exatamente aquela que ele viu: capital de uma nação em (re)construção, governada por ideais socialistas, tendo como aliados países como Cuba e União Soviética. Nas suas narrativas, o domínio português é apenas lembrado por alguns personagens, como acontece com o empregado Antônio, em alguns de seus textos.



O premiado livro *Os da minha rua* é uma coletânea composta por 22 contos, escritos numa linguagem coloquial e aparentemente ingênua. As narrativas tratam das memórias infantis do autor na cidade de Luanda. Contam, portanto, o cotidiano do narrador-personagem, o menino Ndalú, ao mesmo tempo que traça o perfil da capital angolana nos primeiros anos após a independência. Desta maneira, o olhar infantil do narrador apresenta elementos que ajudam o leitor a compreender ou tomar conhecimento deste novo momento histórico que Angola vive, baseado em ideias socialistas marxistas e uma grande necessidade de se (re)fazer como nação. Tais elementos são essenciais para a configuração da identidade angolana naquele momento, muito bem ilustrado ao fazer referência ao desfile de 1º de Maio, no conto “Os quedes vermelhos da Tchi”. Esse evento cívico evidencia a uniformização imposta pelos militares do regime socialista, inspirado no modelo dos países aliados, como Cuba e União Soviética, como se pode notar no trecho a seguir: “eu adorava os comícios naquela altura. Nem sei explicar bem porquê. Era tudo especial, acordarmos cedo, fazermos formação, cantarmos o hino, e irmos juntos, mais ou menos organizados, até ao largo 1º de Maio, sim, o largo chamava-se mesmo 1º de Maio (ONDJAKI, 2007, p. 32).

Nesse contexto pós-independência, a cidade ganha novas formas de ser. No espaço citadino recriado por Ondjaki, os excluídos, os pobres, com suas crianças forçadas a procurar trabalho precocemente, que vivem nas cubatas cindidas desordenadamente sob o barro vermelho das ruas do musseque são pouco citados, dando lugar à cidade dos trabalhadores soviéticos, dos professores cubanos, das crianças de classe média, inseridas num mundo moderno globalizado, com influências das novelas e cantores brasileiros, filmes e produtos americanos, perfumes franceses, *slows* dançados com as canções do italiano Eros Ramazzotti e meios de comunicação como rádio e televisão. Ainda nesse contexto, Luanda pode ser lida como metáfora da nação que tem a identidade em processo de construção, marcada por mudanças políticas (regime socialista após anos de regime de colonização) e culturais (afirmação dos elementos locais ao mesmo tempo que absorve elementos globalizados). A linguagem utilizada por Ondjaki é um desses elementos culturais, uma vez que utiliza uma linguagem coloquial que se aproxima da oralidade, com o uso de expressões em quimbundo e palavras e expressões inglesas ou aporuguesadas.

Diferente do espaço citadino recriado por Luandino, a cidade de Ondjaki é ainda representada pela tranquila Rua Fernão Mendes Pinto, local onde Ndalú morava, pelo bairro Praia do Bispo, “o bairro poeirento da avó Nhé” (*idem*, p. 26) e a Escola Juventude em Luta, lugares de onde emergiam as aventuras, brincadeiras, vivências e lembranças do personagem-narrador com sua família e amigos, na década de 80 do século XX. Por meio das memórias do garoto, pode-se inferir que a Luanda de Ondjaki é a cidade que fica depois da fronteira do asfalto. O foco não é dado aos pobres dos musseques e sim à classe média que vive em casas de dois andares, portão, jardim, quintal, telefone, televisão e ar-condicionado; crianças que frequentam a escola e o cinema, “matabicham” apreciando os sons e os cheiros



da manhã, viajam nas férias, brincam, participam e organizam festas, pais que trabalham e possuem empregados. Uma cidade cujos problemas não afetam a leveza, a magia e o encantamento da infância. A coletânea de Ondjaki apresenta elementos como o desfile de 1º de Maio, a construção do mausoléu, a presença dos professores cubanos e dos trabalhadores soviéticos, a influência de produtos estrangeiros (novelas, músicas, bebidas, filmes, palavras), que ajudam a mudar a forma de viver e de se relacionar. Todas essas mudanças contribuíram para a configuração da identidade angolana naquele período, tendo por base o orgulho e o amor à nação que se reconstrói num contexto globalizado.

LUANDA E O TURISMO LITERÁRIO: POSSIBILIDADES

A cidade de Luanda, analisada a partir dos textos de Luandino e Ondjaki, apresenta-se não apenas como simples cenário, mas como um espaço dinâmico, socialmente produzido, que reflete e influencia as identidades de seus habitantes. A literatura, ao capturar e reinventar a capital angolana, participa também da sua construção, oferecendo novas formas de entender e experienciar o urbano. Assim, as obras literárias analisadas não só retratam Luanda, mas também contribuem para sua contínua reconfiguração, destacando a interseção entre espaço, cultura e identidade e possibilitando novas formas de viver a cidade, como é o caso da cidade que pode ser vivida a partir do olhar literário, possibilitando tanto a compreensão da identidade, quanto a valorização da cultura e a dinamização da economia por meio do turismo literário.

Assim como representada nas obras analisadas, Luanda é uma cidade dupla, com sérios problemas sociais, mas rica em atrativos naturais, históricos e culturais. A beleza de suas praias, a riqueza de sua história de opressão e resistência e elementos culturais (gastronomia, artesanato, música e trajes típicos) convidam o visitante a descobrir aquilo que a cidade oferece, visitar os lugares-comuns associados desde sempre a ela, para verificar em que medida aquilo que vê corresponde à ideia que se faz dela, tal como Onfray postula no livro *Teoria da viagem* (2019). Entretanto, uma vez que a cidade foi cenário no texto ficcional, há ainda a possibilidade de conhecer a capital angolana numa perspectiva literária ou, se enfatizar os aspectos sombrios de sua história e que também foram sinalizados na obra literária, há a possibilidade de conhecê-la numa perspectiva do turismo literário sombrio², fugindo um pouco dos lugares-comuns vendidos pelas agências de turismo, ao acrescentar um valor literário à experiência turística, a partir da criação de roteiros que sinalizam os lugares referidos nas obras, potencializando a reflexão sobre as consequências do colonialismo e a identidade nacional. Nesse caso, o desejo para conhecer a cidade pode não ser motivado por “fantasmas literários”, mas esses podem ser descobertos ao percorrer as ruas e alimentar o desejo de redescobrir a cidade através da leitura dos livros.

Os textos de Luandino Vieira e de Ondjaki suscitam um mapeamento de Luanda, oferecendo descrições que situam o leitor, sinalizando lugares que servem como ponto de referência para a compreensão da cidade, tal como sugere Tally Jr (2013). A maioria dos “lugares assinalados” nas obras está localizada nos musseques e na cidade Baixa que revela resquícios do período colonial. Assim, o mapa literário poderia dar forma a um roteiro literário sombrio, “redesenhando e reiterando o périplo” (para usar uma expressão de Michel



Onfray, 2019) dos personagens e, assim, revelar a cidade que lutou por sua independência, tendo a sua identidade africana marcada nas manifestação culturais que perpassam por aquelas ruas. Dessa forma, como numa *adaptação*, a obra seria recontada, “ajustada” para um novo público, num novo contexto cultural, adquirindo, pois, significados necessariamente diferentes (HUNTCHEON, 2013), mas fazendo emergir elementos culturais, como a gastronomia, a música, o artesanato e a história de opressão e resistência, dando a possibilidade de o turista conhecer Luanda também numa perspectiva literária. Nesse itinerário, a história da colonização não seria desconsiderada, mesmo porque é impossível apagar as marcas daquele período e, para falar da luta e da resistência, é preciso falar do período anterior. É assim que a literatura se redimensiona e se oferece como guia de turismo (SIMÕES, 2018).

Aos lugares citados nas obras e já considerados pontos de interesse para os turistas, seriam acrescentadas informações literárias ou citações de textos ficcionais, disponibilizadas por meio de placas, folhetos ou outras técnicas da interpretação do patrimônio, acrescentando valor literário e tornando-os *lugares literários* (QUINTEIRO & BALEIRO, 2019). Com isso, mesmo que a cidade não atraia *turistas-leitores*, tais ações poderiam ser um atrativo para turistas que poderiam voltar para a sua cidade com o desejo de ler alguma obra citada no roteiro e assim, quem sabe, tornarem-se *leitores-turistas*. Desse modo, o texto literário, com um domínio recorrente de temas, valores, tensões e sentidos ideológicos (diretamente atinentes às questões do nacionalismo e de problematizações identitárias), torna-se agenciador do turismo cultural (SIMÕES, 2018) e, conseqüentemente, do turismo literário, entendendo que este seria um nicho do primeiro.

O desenvolvimento de experiências turístico-literárias, aliadas ou não ao turismo sombrio, pode ser um coadjuvante para dinamizar o turismo cultural, que acontece de maneira ainda muito tímida na cidade de Luanda, mas tem a possibilidade de crescer com investimentos e atividades adequadas, que não só podem dar visibilidade às obras e à cultura local, como também alavancar a economia. Conforme Quinteiro & Baleiro (2019, p. 45), “a manutenção e o sucesso das experiências de turismo literário dependem muito do envolvimento da comunidade (cidadãos, instituições de ensino e associações culturais locais) e de esta ser capaz de assumir o papel de agente principal deste processo”. Para as investigadoras, a comunidade local pode e deve se beneficiar diretamente da presença de turistas, por exemplo, guiando os passeios, promovendo oficinas sobre atividades e produtos locais, criando microempresas para produzir e comercializar lembranças literárias, e articulando essas novas ofertas com outros tipos de turismo cultural (patrimonial e gastronômico, por exemplo) e outras formas de turismo, como o turismo sombrio. Dessa forma, o envolvimento e a qualificação da comunidade com informações históricas e literárias, principalmente das pessoas que trabalham com turismo, são importantes para que os bens patrimoniais sejam apresentados adequadamente e não sejam explorados de forma banalizada. Se explorado adequadamente, o turismo literário seria benéfico também do ponto de vista da sustentabilidade, uma vez que, “revela-se na promoção da educação, na preservação dos costumes, das artes, ofícios locais e patrimônio edificado e, à semelhança do que acontece com outros tipos de turismo de nicho, na promoção da empregabilidade ao longo de todo o ano”, como afirmam Quinteiro e Baleiro (2019). Se associado ao turismo



sombrio poderá atuar como agente educativo, possibilitando o conhecimento e a reflexão de eventos históricos dolorosos, a preservação da memória e a valorização da identidade nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Macêdo (2001), a cidade de Luanda foi eleita cenário nos textos angolanos que querem acompanhar os acontecimentos históricos e as transformações de todo o país através das transformações da cidade. Nesse sentido, as narrativas analisadas apresentam pistas que espelham épocas diferentes de Angola, por meio das vivências dos dois garotos personagens, fazendo um mapeamento de duas Luandas. Por um lado, Luandino Vieira recria a cidade da diferença, forjada nas ruas de barro vermelho, sinalizando o momento histórico da guerra pela independência, a identidade marcada pelos desejos de libertação e refletindo também o projeto literário de uma geração que via em Luanda a metonímia de uma nação por construir, símbolo da nação desejada (MACÊDO, 2001, p. 244). Por seu turno, a Luanda de Ondjaki surge como a cidade construída depois da fronteira do asfalto, traduzindo novas formas de viver, de se relacionar e festejar, num momento histórico pós-colonial, marcado pela necessidade de se reconstruir como nação, e um projeto literário sem comprometimento ideológico, mas que se preocupa com o futuro da nação recém-independente. Em comum, os textos traduzem, por meio da camisa amarela de Zeca Santos e dos sapatos vermelhos que o menino Ndalú insistiu em usar, a afirmação da identidade em momentos que Angola vivia conflitos e precisava marcar a sua diferença identitária: no primeiro caso em relação ao poder português e no segundo devido à ideologia uniformizadora do novo regime político. Os autores em questão, de formas diferentes e com lirismo, recriaram a Luanda que povoa o imaginário de cada um deles. Recriaram a sua própria “terra de Luanda”, demonstrando o amor que têm pela cidade.

Conforme argumenta Chaves, uma das funções da literatura angolana é “fazer e refazer a história de um território e seus povos que, despedaçados e rejeitados pela ordem colonial, têm no horizonte a unidade ainda interdita pelas circunstâncias do presente” (CHAVES, 2003, p. 373). A análise apresentada ratifica essa ideia, de forma que, tal qual o processo histórico, a literatura transita do lugar de silenciamento para a consciência de sua condição, de seus problemas e da necessidade de resistir, denunciar e lutar até chegar à compreensão de que a unidade se faz a partir da pluralidade e, por isso, há que se aprender e buscar novas formas de produção com autonomia e liberdade, a partir da invocação do passado, da consciência do presente e das perspectivas de um futuro de reflexão e reconstrução. Desta forma, pode-se relacionar a Luanda de Luandino Vieira a um “mais-velho”, ciente de sua condição, de seus problemas e que precisa resistir, denunciar e lutar. Em contrapartida, a Luanda de Ondjaki pode ser relacionada a um “monadengue”, aprendendo e buscando formas de viver com autonomia e liberdade.

A partir da análise dessas narrativas, é possível construir um mapa literário que oferece aos leitores uma experiência diferente da cidade, e que pode potencializar o turismo literário em Luanda. O mapa literário da capital angolana construído a partir das obras de



Vieira e Ondjaki destaca a cidade não apenas como um espaço geográfico, mas como um espaço experienciado pelos seus habitantes. Esse mapa literário permite uma maior compreensão das dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam a cidade. Os musseques, um dos elementos que compõem o mapa literário, são representados como espaços de resistência e solidariedade, destacando as casas e as ruas de barro vermelho, e os conflitos da vida comunitária. A descrição dos musseques oferece uma visão realista da vida nos bairros pobres de Luanda, enfatizando a resiliência dos moradores. A Baixa, centro de Luanda, aparece como o lugar onde as tensões entre os colonizadores e os colonizados se manifestam de maneira mais direta, compondo o mapa literário, que evidencia a dualidade entre o centro urbano e os musseques, refletindo as disparidades sociais e econômicas da época colonial. Para além disso, o mapa literário é composto principalmente pelas manifestações de resistência contra a opressão colonial e a afirmação da identidade, destacando a riqueza cultural dos musseques.

Assim, a literatura possibilita a construção de novas representações em diferentes formatos, incluindo roteiros turístico-literários, e continua a oferecer um meio valioso para a compreensão e vivência das cidades que descreve. O mapa literário construído por meio das descrições dos lugares e vivências dos personagens nesses mesmos lugares servem de ponto de referência para que os leitores situem-se no espaço imaginário, compreendam a cidade e, quem sabe, sejam motivados a visitá-la, promovendo o turismo literário e transformando lugares como a Baixa ou o Largo 1º de Maio, em Luanda, em lugares literários e lugares de memória. Esta é uma possibilidade de interseção entre literatura e turismo que se revela como um campo fértil para futuras pesquisas e práticas, incentivando tanto a preservação quanto a reinvenção contínua das identidades urbanas. É assim que a literatura atua como aquela que, ao ser influenciada pela história, também a influencia, pois não apenas registra e reflete sobre o passado, mas contribui ativamente para a formação de identidades contemporâneas e para a reconciliação com um passado complexo, como é o caso dos textos analisados que reescrevem Luanda.

NOTAS

1 - Sobre o assunto ver Manuel Ferreira (1989) e Tania Macêdo (2008).

2- Turismo sombrio é um nicho turístico em crescimento que tem como motivação o desejo de conhecer lugares associados à morte, à destruição e ao sofrimento, que possibilitam encontrar “fantasmas” reinventados que avisam sobre as lutas, as loucuras e os infortúnios das pessoas (STONE, 2023).

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Tradução: Ana Lúcia Santos. 2. ed. Lisboa: 90 Graus, 2013. 122 p.

CHAVES, R. O romance em Angola: a identidade entre a história e a poesia. In: LEÃO, A. V. (Org.). Contatos e ressonâncias: literaturas farinhas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. p. 373-405.



- FERREIRA, M. O discurso no percurso africano I. Lisboa: Plátano, 1989.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 107 p.
- HUTCHEON, L. Uma teoria da adaptação. Tradução: André Cechinel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. 320 p.
- LOUREIRO, L. S. A cidade em autores do primeiro modernismo – Pessoa, Almada e Sá-Carneiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1996. 222 p.
- MACÊDO, T. Caminhos da escrita de uma cidade. In: *Scripta*, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 240-249, 1º sem. 2001.
- _____. Luanda: literatura, história e identidade de Angola. In: ESTANQUE, E. (Coord.). VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004. Disponível em: <www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel35/taniamacedo.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- _____. Luanda, cidade e literatura. São Paulo: Editora UNESP; Luanda: Nzila, 2008. 256 p.
- ONDJAKI. Os da minha rua. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. 110 p.
- ONFRAY, M. Teoria da viagem. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Quetzal Editores, 2019. 128 p.
- PESAVENTO, S. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002. Acesso em: 22 ago. 2018.
- PORTO, A. P. T. Cultura e literatura africana de Angola: diálogos ininterruptos. *Prânkis - Revista do ICHLA*, Ano XII, v. 1, p. 9-15, jan. 2015. Editora Feevale.
- QUINTEIRO, S.; BALEIRO, R. Estudos em literatura e turismo: conceitos fundamentais. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Comparatistas, 2019. 120 p. Disponível em: https://www.academia.edu/39847359/Estudos_em_literatura_e_turismo_Conceitos_fundamentais_2aed. Acesso em: 12 set. 2019.
- SIMÕES, M. de L. N. Pluralidades: patrimônio cultural e viagem - Relendo a literatura sul-baiana. Ilhéus: Editus, 2018. 200 p.
- STONE, P. R. Dark tourism and 'painful pasts' in Africa: concepts, contexts, and challenges. In: *Cultural heritage and tourism in Africa*. London; New York: Routledge, 2023.
- TALLY JR., R. T. *Spatiality*. London: Routledge, 2013. 130 p.
- VIEIRA, L. Luanda. Lisboa: Editorial Caminho, 2014. 150 p.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

MENEZES, Juliana Santos. Luanda: representação e turismo literário. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 21, n. 1, p. 12-21, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.89569>. Acesso em: DD MMM. AAAA.